

## CANDIDO JOSÉ TOLENTINO

( N. em 1810 — M. em 1863 )

Outro filho que honrou a sua patria.

Outra intelligencia superior.

Quem em Minas não conheceu e não amou a Candido Tolentino, o virtuoso cidadão, o bom mestre e estremecido amigo da mocidade?

Natural de Pitanguy e engeitado em casa do Capitão Agostinho da Silva Campos, foi por este philantropo creado e educado como filho.

Estudou Latim em Congonhas do Sabará, tendo por mestre o grande latinista Padre Joaquim Machado, passando-se depois para o collegio de Congonhas do Campo, então dirigido pelo illustre padre Leandro Rabello Peixoto e Castro, sacerdote da Congregação da Missão.

Ahi distinguia-se por seu procedimento, estudo e progresso, merecendo sempre a estima e admiração de seus professores e condiscipulos.

Concluidos os seus preparatorios, tornou ao lugar de seu nascimento por não ter meios com que se formasse; e logo tomou estado, casando-se com a sra. d. Candida Nunes de Carvalho (em 10 de dezembro de 1833).

Exerceu a profissão de mestre, que foi toda a sua vida, creando um nome immorredouro; e prestou notaveis serviços nos cargos de vereador, juiz municipal e Delegado de policia de Pitanguy.

Em 1850, accoitando o convite do Director do muito conceituado — Collegio Duval — fundado na cidade de S. João d'El Rei, ensinando neste collegio Latim e Historia, em que era tambem mui lido e sabido.

De como ahi viveu por cerca de treze annos dá testemunho um digno S. Joannenense (\*), noticiando o seu chorado passamento, que teve lugar no dia 23 de março de 1863:

---

(\*) Publ. no *Correio Mercantil* n. de 30 de março de 1863.  
R. A. — 38

«Este distincto cidadão, o melhor latinista desta Província deixa um vacuo na instrução da mocidade Mineira, a que se dedicava ha muitos annos, e no ensino de todas as pessoas que o conheciam e sabiam apreciar suas bellas qualidades e virtudes.

Cada coração que palpita em todo S. João geme e guarda uma saudade do Candido José Tolentino.

Trabalhou e morreu pobre.

Loga a sua esposa um nomeoso marula e o amor de todos.

Foi victima de sua dedicação a sciencia. O melhor elogio que se pode fazer é o seguinte: «Viveu um seculo, sem fazer parte d'elle.»

De suas composições poeticas, algumas, em verdade, notaveis, poucas vieram a publico pela imprensa da Província e raras na da corte (pelo Correio da Tarde).

Os seus amigos e confrades dão testemunho do seu grande merecimento como poeta e repentista e os seus adversarios politicos (nunca inimigos, que os não tem) sentiram não poucas vezes os golpes da satyra que tanto manejava com pericia e conveniências.

Exemplo a muito conhecida gloria de uma quadrinha petolante, que outro ministro celebre (o dr. José Joaquim Ferreira da Veiga, por cognome — o Boi) espelhoua por occasião da amnistia aos comprometidos ao movimento revolucionario de 42:

« O Ministerio Alves Branco  
Com a maior patifaria  
Alcançou do Imperador  
O Decreto da Amnistia.»

Foi ainda pelo mesmo tempo que elle deu a ler a alguns amigos (estorjados) que Bocage não renegava, o cuido eu:

As delphicas cadencias prazenteiras  
Um Boi quiz escutar com seus ouvidos!  
E formando projectos atrevidos  
Sobe ao monte das nove companheiras.

Delle medrozas fogem mui ligeiras  
As Muzas dando gritos repetidos:  
«Santo Antonio! que cornos tão compridos  
Malores que os dos touros dos Junqueiras!»

Em susto as vendo Apollo, acelerado  
Corre á frente do Boi que alto mugia;  
E lhe diz tendo o arco preparado:

« Desce, Boi, da morada da harmonia!  
Que este monte as Carneiras consagrado  
Nunca foi de um vaccum a pastaria.»

## CARLOS JOAQUIM MAXIMO PEREIRA

Não são somente dignos de admiração esses valtos grandiosos, cujas virtudes deram-lhes direitos á veneração da posteridade.

No revolver continuo da humanidade, ha tambem vidas preciosas, que apesar do seu obscurantismo, não podem deixar de ser commemoradas: fazel-as desaparecer ao gelido sopro da morte é apagar as pegadas que em nossa curta admiração devemos trilhar.

Levando a lonza sepulchral que abafa os restos mortaes do homem virtuoso, que pela pureza de sua alma e nobreza de seu coração tanto se avantajara, cremos prestar util serviço á sociedade, que acaba de perder um de seus mais bellos ornamentos.

Na cidade de S. João d'El-Rei, vira a luz do dia o commendador Carlos Joaquim Maximo Pereira.

Filho legitimo de Manoel Pereira Lopes e de d. Delphina Francisca de Paula, recebeu em sua infancia uma educação exemplar, que, aprando a sua boa indole, devia um dia angariar-lhe a estima e amizade das pessoas com quem tractasse.

Dedicando-se desde tenros annos á vida commercial, com tanto zelo e honradez sempre se houvera, que em breve tornou-se digno de associar-se a uma importante casa então estabelecida em S. João d'El-Rei.

Apezar de um character extremamente modesto eram suas qualidades pessoas em tão boa conta reputadas que mereceu do governo imperial a nomeação de Major para a G.<sup>da</sup> Nacional, e de seus municipes votos espontaneos de confiança para cargos populares.

A retirada do commendador Carlos de S. João d'El-Rei encheu de saudades o coração de seus numerosos amigos que sempre souberam fazer justiça a seus nobres sentimentos.

Em 1845 por convite de seu parente e amigo o commendador José Bernardino Teixeira, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde a sua reputação de negociante honrao já era bem formada.

Associado a casa de J. Bernardino Teixeira, dirigiu-a sempre da maneira a mais satisfactoria por espaço de dez annos, findos os quaes separaram a sociedade, sem contudo deixar de haver entre elles a mais sincera amizade e a mais cordial intimidade.